

“OS HORRORES DE PARIS”: ANTICOMUNISMO CATÓLICO NO BRASIL E NO MÉXICO (1871)

JOÃO VITOR DE ARMAS TEIXEIRA¹; JONAS MOREIRA VARGAS²

¹Universidade Federal de Pelotas – joaoarmas1998@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – jonasmvargas@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho versa, a partir dos periódicos *O Apóstolo* e *La Idea Católica*, do Brasil e do México, respectivamente, sobre o anticomunismo católico das décadas finais do século XIX. A historiografia especializada consolidou o fato de o fenômeno anticomunista ser característico dos noventa, com origens na Revolução Russa, ou, na Intentona Comunista de 1935. Entretanto, a partir das contribuições de Malatian (2003) e Secco (2020), é possível afirmar que é um elemento com raízes profundas não apenas na cultura política brasileira, como ocidental. Ademais, pode-se considerar que possui uma “longa duração e surgiu no Brasil antes de qualquer movimento socialista ou comunista” (SECCO, 2020, p. 2). Logo, esta pesquisa visa ampliar as balizas não apenas temporais, mas também geográficas, visto que, é a partir dos oitocentos que o termo “comunismo”, passou a ser vulgarizado (BANDEIRA, 1967) e, no final do século, de acordo com Tavares (1983), é possível identificar “os elementos iniciais que comporão a ideologia antioperária e antissocialista”.

O Vaticano, a partir do Concílio I de 1870, consolidou a infalibilidade papal, o que significou a centralização doutrinária e política na figura do Santo Padre, nesse caso, Pio IX (1792-1878). Nesse contexto, a corrente do catolicismo que foi predominante foi a vinculada ao ultramontanismo, que combatia outras facções de caráter renovador ou reformista e as ideias modernas, além de disputar a própria modernidade (SANTIROCCHI, 2010; 2015). Isso desdobrou-se em um esforço internacional, em um período de ascensão e desenvolvimento do movimento operário com a fundação da I Internacional (1864) e a eclosão da Comuna de Paris (1871). Portanto, a problemática do comunismo surgia aos países ocidentais como urgente e isso significou uma série de documentos papais de condenação à revolução proletária (TEIXEIRA, 2022). Por conseguinte, levou à reação de partes do catolicismo ao comunismo, inclusive, em países díspares como o Brasil e o México.

Diante do exposto, é pertinente ressaltar que se trata de uma temática ainda pouco trabalhada pela historiografia e de grande relevância para compreender o anticomunismo na América Latina. Fenômeno político ainda presente nas disputas políticas do subcontinente. Nesse sentido, visa contribuir para o estudo sobre as direitas e o pensamento conservador, campo que, segundo Motta (2002), acabou negligenciado por parte significativa dos historiadores.

2. METODOLOGIA

Esta é uma pesquisa que se insere na metodologia da História da, na e por meio da imprensa, pois são os periódicos as fontes mais relevantes para o presente estudo. Portanto, vale-se das contribuições de Lucca (2008), Lapuente (2015) e Dohnnikoff (2017), no sentido de compreender o público-alvo, os papéis sociais dos

referidos periódicos e o contexto geral da imprensa do período. Ademais, associa a metodologia da análise de conteúdo de Bardin (2011) associada à proposta de análise de temática de Zicman (1985) para compreender o processo histórico que está por trás e que envolve a notícia, assim como tratar qualitativamente os conceitos-chave que guiam a pesquisa. Por fim, é preciso realçar que, alinhado com os tratamentos das fontes, também se visou inserir este trabalho no método de análise da História Global (CONRAD, 2016; DARWIN, 2020) e na perspectiva de Koselleck (2006; 2014) do Atlântico enquanto um espaço de experiência desses agentes políticos e as transformações da modernidade enquanto um processo de transfiguração dos horizontes de possibilidades e ocidentalização do mundo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com Rops (2003), foi uma estratégia de disputa pela modernidade por parte de Pio IX – e dos ultramontanos – o incentivo à profusão de periódicos católicos. Isso confirma-se com a constante divulgação dos jornais entre si. Em 30 de julho de 1871, *La Ideia Catolica* reverberou outro jornal católico, o *Voz de México*, onde era possível ler que: “Eles ou nós são fatais: ou a Comuna ou a monarquia cristã”. Raciocínio semelhante pôde ser encontrado nos brasileiros de O Apóstolo em 3 de setembro de 1871: “o governo do mundo pertencerá ou à verdade e à virtude, ou ao erro e ao vício: não há meio termo”.

Esses grupos de ultramontanos combatiam a República, embora o México fosse desde de 1867 e, no Brasil, o movimento republicano recém dava seus primeiros passos. De modo que era possível ler, por parte dos mexicanos a seguinte interpretação: “em política sempre haverão republicanos-conservadores; depois moderados, se a perseguição os mortifica; mas sempre para voltar ao seu ponto de partida, o socialismo” (30 de julho de 1871). O *Apóstolo*, em 25 de junho de 1871, afirmou que: “os republicanos que se levantam entre nós, conspirando contra a monarquia (...) são eles os pais legítimos dos socialistas, dos comunistas”.

Interpretações semelhantes são ecoadas por ambos os periódicos, ao associar a liberdade de imprensa à revolução e o ateísmo ao socialismo. Além da denúncia de organizações e tramas internacionais de conspiração contra a sanidade do catolicismo, tais como, a Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT) e a maçonaria que, segundo os ultramontanos, eram associados ao espectro revolucionário.

4. CONCLUSÕES

Diante do exposto, é possível concluir que os grupos de ultramontanos de Brasil e México, expressos pelos seus periódicos, possuíam ideias e concepções semelhantes diante de seus respectivos contextos históricos. Por mais contrastantes geográfica e politicamente – o México uma República laica e o Brasil uma monarquia cristã – o perigo vermelho apresentava-se como uma possibilidade real. São fenômenos que expressam a reação conservadora ultramontana a nível internacional guiada pelo Vaticano na figura do papa, tal movimento é praticamente a antítese da AIT e evidencia que não era apenas o proletariado que se organizava além-fronteiras. A partir dessas considerações é possível desenvolver a hipótese de que esses casos não constituem exceções, mas a regra do período, pois o ultramontanismo foi proeminente no subcontinente. Isso denota a constituição de uma tradição anticomunista internacionalmente constituída muito antes da Revolução Russa e da Guerra Fria.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BANDEIRA, Moniz et. al. **O Ano Vermelho**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- CONRAD, Sebastian. **O Que é a História Global?**. Lisboa: Edições 70, 2016.
- DARWIN, John. **Ascensão e Queda dos Impérios Globais (1400-2000)**. Lisboa: Edições 70, 2020.
- Ellos ó Nosotros. **La Idea Católica**, Córdoba, 30 jul. 1871, p.3.
- KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do Tempo**: Estudos sobre a História. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.
- KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**: Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.
- LAPUENTE, Rafael Saraiva. O jornal impresso como fonte de pesquisa: delineamentos metodológicos. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 10., 3 a 5 jun. 2015, Porto Alegre. **Anais eletrônicos...** Porto Alegre: ALCAR, 2015, s.p. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais1/encontrosnacionais/10o-encontro-2015/gt-historia-da-midia-impressa/ojornalimpressocomofontedepesquisa-delineamentosmetodologicos/view>. Acesso em: 9 mai. 2021.
- MALATIAN, Teresa. O “perigo vermelho” e o catolicismo no Brasil. In: MALATIAN, Teresa; LEME, Marisa Saenz; MANOEL, Ivan Aparecido (orgs.). **As múltiplas dimensões da política e da narrativa**. Franca: UNESP, 2003. p. 173-183.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)**. 2000. 315 f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.
- O APÓSTOLO. **O Apóstolo**, Rio de Janeiro, 25 jun. 1871. O Apóstolo, p. 202.
- O APÓSTOLO. **O Apóstolo**, Rio de Janeiro, 3 set. 1871. O Apóstolo, p. 286.
- ROPS, Daniel. **A Igreja das Revoluções (I)**. São Paulo: Quadrante, 2003.
- SANTIROCCHI, Ítalo Domingos. **Questão de Consciência**: os ultramontanos no Brasil e o regalismo do Segundo Reinado (1840-1889). 1. ed. Belo Horizonte: Fino Traço, 2015.
- SANTIROCCHI, Ítalo Domingos. Uma questão de revisão de conceitos: Romanização – Ultramontanismo – Reforma. **Temporalidades**, Belo Horizonte, UFMG, v.2, p. 24 -33, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/5387>. Acesso em: 17 jul. 2022.
- SECCO, Lincoln F. O anticomunismo preventivo. **Maria Antonia**: Boletim do GMarxUSP, São Paulo, ano 1, n. 55, 22 nov. 2020. Disponível em: <https://gmarx.fflch.usp.br/boletim5>. Acesso em: 21 jan. 2022.
- TEIXEIRA, João Vitor de Armas. Ondas do Anticomunismo Católico Brasileiro: Um fenômeno do século XX?. **Revista Latino-Americana de História**, São Leopoldo, v. 11, n. 28, 2022. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/rla/index.php/rla/article/view/1233>. Acesso em: 26 jan. 2022.
- ZICMAN, Renée Barata. História Através da Imprensa: algumas considerações metodológicas. **História e Historiografia**, São Paulo, v. 4, p. 89-102, jan./dez. 1985. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12410/8995>. Acesso em: 12 jul. 2022